
O PROCESSO CRIATIVO DO GÊNERO NOTÍCIA: UMA PERSPECTIVA PROCESSUAL⁴⁴

Márcia Helena de Melo Pereira*

(UESB)

RESUMO

Partindo das considerações de Bakhtin de que o estilo individual está ligado ao enunciado e aos gêneros do discurso, discutimos essa relação contígua com base em dados do processo de construção de duas produções textuais, escritas por duas duplas de estudantes do Ensino Médio, na tentativa que fazem para se apropriarem do gênero do discurso “notícia”. Foram nossas perguntas: as duas duplas usam as mesmas estratégias para se apropriarem desse gênero ou as estratégias são diferentes de dupla para dupla? O estilo do gênero prevalece sobre o estilo das duas duplas ou ele deu margem para um posicionamento delas?

PALAVRAS-CHAVE: Estilo; Gênero; Escrita

INTRODUÇÃO

De acordo com a abordagem de Bakhtin (1997) [1952-3] sobre os gêneros do discurso, o estudo do estilo não deveria deixar de considerar a questão do gênero. Para o autor, todo enunciado verbal, oral ou escrito é, em princípio, individual. Entretanto, o enunciado pode ou não

⁴⁴ Trabalho veiculado ao projeto de pesquisa intitulado “A relação entre estilo e gênero vista sob a perspectiva processual: desvendando segredos da criação”, coordenado pela profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira e cadastrado na Universidade Estadual da Bahia-UESB.

* Profa. Doutora

refletir essa individualidade, caracterizada como um estilo individual. Segundo Bakhtin, nem todos os gêneros seriam propícios a esse estilo. Por exemplo, um requerimento apresenta certa rigidez em seus elementos constitutivos, o que torna esse gênero mais estável. Já outros gêneros, como os literários, propiciam, de maneira mais maleável, a emergência e o desenvolvimento do estilo individual. Portanto, há uma estreita relação entre estilo individual e gênero, pois o sujeito deve movimentar-se no interior de um gênero discursivo e o estilo individual emerge dentro da organização desse gênero.

Foi com base nesse postulado de Bakhtin que partimos para a nossa pesquisa. Duas duplas de estudantes cursando o primeiro ano do Ensino Médio escreveram um texto cada, utilizando o gênero notícia, para que pudéssemos averiguar as forças centrípetas e as forças centrífugas atuando no gênero. Partimos das seguintes perguntas: as duas duplas usarão as mesmas estratégias para se apropriarem desse gênero ou as estratégias serão diferentes de dupla para dupla? O estilo do gênero prevalecerá sobre o estilo das duas duplas ou ele dará margem para um posicionamento delas?

A principal contribuição que pretendemos dar às discussões que ora têm sido feitas sobre essa relação estilo e gênero está no material de pesquisa que possuímos, composto de dados do processo de construção desses textos. O uso de tais dados nos permitiu fazer uma análise que foi além da análise do produto final, o texto. Em geral, quando se fala em estilo e em gênero na linguagem verbal, em suas naturezas e funções, pensa-se da perspectiva de um produto linguístico esteticamente acabado; dificilmente se considera seu processo de constituição. Pretendemos mostrar que dados processuais podem ser, também, importante fonte de informação para se averiguar a existência de traços de estilo, tanto individuais quanto genéricos.

MATERIAL E MÉTODOS

Operacionalizar um trabalho que envolve a apreensão do processo de construção de textos não é tarefa fácil. Para que o processo de produção desses textos pudesse ser apreendido da maneira mais completa possível, três etapas foram utilizadas. Primeiramente, fizemos uso de um *software* francês chamado *genèse du texte*, desenvolvido pela *Association Française pour la Lecture*, em 1993, com objetivos pedagógicos. Com tal *software*, pudemos ter acesso a todas as idas e vindas, as substituições, as novas ordenações, as pausas etc., efetuadas pelos alunos ao longo da construção dos textos, pois ele nos disponibiliza relatórios contendo todas essas operações de reescrita, proporcionando-nos a apreensão da linguagem em seu *status nascendi*. Em nossa segunda etapa, filmamos todo o momento de elaboração dos textos em vídeo com o objetivo de capturarmos o diálogo mantido entre os sujeitos a respeito deles: suas reflexões, suas dúvidas, suas escolhas linguísticas em detrimento de outras etc. Na terceira e última etapa, fizemos uma entrevista com os próprios alunos, desta vez gravada em áudio, questionando os motivos que os levaram a apagar, substituir, adicionar etc. A entrevista foi feita após uma análise prévia dos relatórios gerados pelo programa *genèse du texte* e análise da fita de vídeo.

Diante de tais dados processuais, necessitávamos de um arsenal conceptual-metodológico que nos fornecesse subsídios para enfrentá-los e lê-los. Encontramos esse amparo em duas áreas do conhecimento, a saber: nos postulados da crítica genética, uma área ligada à literatura que tem se ocupado da análise dos rascunhos, manuscritos, notas de pesquisa etc. deixados por um determinado escritor, para tentar seguir o percurso de criação por ele executado, desde os primeiros esboços até o texto impresso; e, também, encontramos respaldo nos pressupostos teórico-metodológicos do paradigma indiciário proposto pelo historiador

italiano Carlo Ginzburg (1939) e da leitura que dele fazem Abaurre et alii (1992, 1995) incluindo-o no âmbito de uma teoria da linguagem. Através dos pressupostos teóricos do paradigma indiciário, temos a possibilidade de examinar, via pistas, sinais, os pormenores e as marcas individuais presentes nas atividades humanas em geral e, dentre elas, a linguagem.

Quanto aos sujeitos, eram do sexo feminino, tinham 16 anos e estavam cursando a primeira série do Ensino Médio quando a pesquisa foi realizada, em 1999.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obviamente, não temos espaço, neste pequeno artigo, de mostrar a gênese dos dois textos, passo a passo. Sendo assim, mostraremos os resultados a que chegamos, ilustrando-os com alguns excertos retirados das gravações em vídeo e áudio.

Esta foi a proposta de produção textual que entregamos às duplas:

Imagine-se como redator de um jornal. Como tal observe bem a foto a seguir e redija uma notícia sobre ela. Coloque uma manchete (ou título) em seu texto e o lead.



G. e J., a dupla da escola particular, escrevem uma notícia sobre vazamento de gás doméstico; A. e S., a dupla da escola pública, escrevem sobre asfixia provocada por inalação de produtos domésticos vencidos. As duas duplas optam por acidentes domésticos por já terem ouvido ou lido bastantes notícias sobre estes assuntos. Elas procuram escrever sobre um fato de interesse coletivo – esta é uma característica do gênero.

Os dados processuais dos dois textos nos revelaram que as duplas:

- procuram ser claras, objetivas e diretas;
 - procuram escrever manchetes que fossem curtas e que despertassem a atenção do leitor;
 - iniciam seus textos informando a data do episódio. Eis a primeira frase dos textos das duas duplas:

| G. e J. | A. e S. |
|--|--|
| Na manhã de segunda-feira, 26, um vazamento de gás em uma residência na favela da Rocinha, Rio de Janeiro, quase fez uma vítima. | Ontem, 23 de junho de 1999, em um subúrbio do Rio de Janeiro aconteceu um fato inesperado. |

-
- ambas escolhem a cidade do Rio de Janeiro para ambientarem suas notícias. No gênero notícia, o esclarecimento do local exato do fato comunicado é uma exigência, assim como o é o esclarecimento dos envolvidos;
 - Evitam repetições, utilizando elementos de referenciação;
 - Fizeram escolhas lexicais que se adequassem mais à configuração do gênero. As duas duplas deixarem entrever exemplos de palavras usadas pelos jornalistas na textualização do gênero, como Rio e não Rio de Janeiro; o uso de siglas, como PS, para designar Pronto Socorro.

Em suma, todos os índices encontrados nos dados processuais das duas notícias mostraram que o estilo do gênero foi muito marcante. O gênero notícia, efetivamente, não se prestou exatamente ao exercício estilístico individual, sendo nestes casos, fenômenos marginais.

Todavia, mesmo diante de tendências homogeneizantes como neste caso, continuamos nosso trabalho de procura por diferenças e, ao realizarmos o trabalho de análise do final da notícia, percebemos que ali G. e J. lançavam um olhar crítico para a situação que estavam retratando. Através da voz da mãe que estava ausente de casa para trabalhar no momento da ocorrência do vazamento de gás, G. e J., sutilmente, promovem uma crítica ao governo: se houvesse mais creches para deixar os filhos em segurança enquanto as mães trabalham, ocorrências como aquela não ocorreriam. Com este comentário, mesmo através da mãe, de fato as estudantes avaliam a situação e se posicionam frente a ela, criticamente, realizando algo que costuma se dar em textos noticiosos. Mesmo sendo este um gênero mais padronizado, as estudantes encontraram um espaço para lançarem a crítica - o espaço que tem sido utilizado pelos profissionais do setor, o fechamento da notícia.

A. e S. também revelam, no final de sua notícia, uma nuance bastante específica do gênero: elas informam ao leitor sobre o atual estado de saúde da vítima, promovendo, inclusive, substituições e inversões no texto para que esta informação aparecesse. Entretanto, não vimos a crítica.

Em relação à A. e S., vale ressaltar, ainda, um dado que nos chamou a atenção: preocupações com a norma culta. Vejamos um exemplo que ilustra essa tendência, extraído da gravação em vídeo da conversa mantida durante a elaboração do texto:

S.: no subúrbio...

A.: no subúrbio. Tem acento?

[...]

S.: há vários meses. H com crase, há de h. Há...

A.: há com h, há com crase, o que você quer?

Enfim, vimos, fortemente, nos dados processuais dos dois textos, que uma enunciação carrega consigo marcas de outras enunciações constituintes de uma cadeia histórica. Mas vimos também que o sujeito que enuncia não é anulado no processo de constituição dos gêneros, mas também não é a fonte absoluta do dizer; a situação de comunicação de um sujeito é, pelo menos em parte, nova ou particular, e essa singularidade leva-o a organizar de certo modo os discursos que constituem seu texto.

Vislumbrando essa reflexão à luz do texto elaborado por G. e J., identificamos vários momentos em que a dupla demonstrou sua subjetividade, a “quatro mãos”: em relação às escolhas linguísticas efetuadas em detrimento de outras, decidiram a ordem em que a sequência Q-Q-Q-O-C-PQ iria aparecer no texto etc. Porém, devido à

constituição sócio-histórica dos gêneros, as alunas também atualizaram formas já cristalizadas do gênero notícia: nos jornais, a cidade do Rio de Janeiro é grafada sempre como “Rio”, uma manchete deve ser curta, chamativa, escrita de maneira a instigar o leitor a ler a notícia por completo etc.

CONCLUSÕES

As duas análises realizadas do gênero notícia mostraram que os gêneros se constroem nas diferentes esferas da vida social, com suas condições e finalidades. As estruturas composicionais/estilo do gênero que vimos emergir na fala das duas duplas fazem parte de normas editoriais e de estilo adotadas por grandes jornais como O Estado de S. Paulo. São exemplos dessas normas que apreendemos na conversa das duas duplas: grafar a data do fato em forma numérica, sem menção ao nome do mês, se se tratar do mês corrente; a elaboração de uma manchete curta que chamasse a atenção do leitor; a forma canônica do lead etc. Portanto, o gênero é lugar de interseção entre propriedades formais e sociais. Todo enunciado, mesmo o mais simples, é um acontecimento. O gênero representa, de modo sistemático e estrutural, a pluralidade de discursos nele existente.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON (Org.). **Cenas de aquisição da escrita**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

____ **Subjetividade, alteridade e construção do estilo: pode o estilo individual ser transgenérico?** [Projeto Integrado de Pesquisa – CNPq n. 521837/95-2]. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-287.

BRANDÃO, H. N. **Introdução á análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BIASI, P. M. de. A crítica genética. In: PERGEZ, D. et alli. **Métodos críticos para a análise literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 01-44.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais. São Paulo**: Companhia das Letras, 1989.

GRANGER, G. **Filosofia do estilo**. São Paulo: Perspectiva, 1968 (tradução, 1974, por MARTON, Scarlett Zerbetto).

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.